

Ode a um amor cansado

Diz Ingmar Bergman que levou três meses a escrever estas cenas, mas uma vida inteira a vivê-las. Ao espectador de *Cenas da vida conjugal*, bastarão 90 minutos para, tendo essa disponibilidade, reflectir acerca da sua própria condição.

Cenas da vida conjugal, de Ingmar Bergman, levada a palco pela encenadora Rita Calçada Bastos, propõe uma reflexão sobre uma possibilidade de se conseguir salvar o amor: como sobreviverá uma relação aos quotidianos que, tão naturalmente, na sobrecarga da rotina dos dias, de pequenos gestos, desencontros nos encontros diários, promovem uma dimensão de tédio, edificando uma engrenagem de onde será quase impossível sair?

A peça convoca um certo tipo de agressividade psicológica, a um tempo tensa e contida, e impõe a inevitabilidade de com ela se lidar. É na intimidade de uma relação, de um casamento, que as relações de poder se vão construindo, cada vez



Ivo Canelas e Katrin Kaasa interpretam um casal em fim de relação

mais desconfortáveis, revelando cambiantes da verdade que cada elemento do casal em si encerra.

Zelig, no filme homónimo, de 1983, realizado por Woody Allen, diz que "é mais seguro ser como toda a gente!". Em Bergman, a personagem Marianne, Liv Ullmann, revela que "actuou sempre, numa tentativa desesperada de agra-

dar", tendo desistido, de certa forma, de si, do desejo de trabalhar em teatro, acabando por aceitar uma norma socialmente imposta que a leva à advocacia, sacrificando, por isso, a sua própria identidade, mantendo-se no poiso seguro de ser como toda a gente. Marianne aceita o papel de género que a sociedade lhe atribuiu e que continua a

impor, mesmo enquanto advogada; é a guardiã de um certo quotidiano: boa mãe e esposa, a filha obediente.

Rita Calçada Bastos torna ainda mais verosímil e densa a proposta de teatro que leva à cena ao convocar a sua equipa artística: no papel de Marianne, Katrin Kaasa, que, para além de actriz, assina a tradução (a sua origem é norueguesa, muito próxima por isso da cultura e ambiências bergmanianas), Ivo Canelas, a quem cabe assumir o frio, controlado e brilhante Johan, e também o apoio cénico de João Canijo, cineasta que tem mantido na sua obra o enfoque dramático nas tensões familiares.

Esta proposta cénica (em cena no Fórum Municipal Romeu Correia, de 8 a 11 de Julho) vem, assim, reinterpretar a tensão bergmaniana, numa altura, em que tantos casais se viram, em contexto de confinamento, perante si mesmos. Inevitavelmente, o espectador verá na peça a «luz e a derrota» sobre as relações amorosas | **Pedro Barros**

Bach substituiu CNB

Por motivos imprevistos, a Companhia Nacional de Bailado não vai poder estrear a sua criação *Planeta Dança – Capítulo IV*, prevista para o próximo fim-de-semana no Cine-Teatro da Academia Almadense. Mas para que os mais pequenos possam, também este ano, ir ao Festival, em substituição deste espectáculo a Companhia de Teatro de Almada



Pastéis de nata para Bach: uma das nove peças para a infância que a CTA tem em repertório

apresenta *Pastéis de nata para Bach*, uma dramaturgia de Pedro Proença e de Teresa Gafeira, que também encenou. É sabido que Bach era bem guloso: mas será que alguma vez se cruzou com a mundialmente famosa iguaria lis-

boeta, que há quase duzentos anos delicia os palatos lisboetas (e não só)? Os bilhetes para este espectáculo, de entrada gratuita, podem ser levantados na bilheteira do Teatro Municipal Joaquim Benite a partir de 9 de Julho.

Alteração na programação

Por impossibilidade de viajar para Portugal, a dupla de criadores Laida Goñi e Txalo Toloza viu-se obrigada a anular a sua participação no Festival, onde apresentaria *Tierras del Sud*. Em substituição desta peça apresentamos *Cenas da vida conjugal*, de Ingmar Bergman, com encenação de Rita Calçada Bastos. Os bilhetes de Assinatura que já tinham sido entregues para *Tierras del Sud* podem ser utilizados para assistir a *Cenas da vida conjugal* — que, devido às suas mais de duas horas de duração, terá o seguinte horário: Quinta 8, Sexta 9 e Domingo 11 às 19h; Sábado 10 às 14h e às 19h.

Hipólito, por Rogério de Carvalho

A segunda sessão de Colóquios na Esplanada teve como convidado o encenador Rogério de Carvalho e como objeto de conversa o espectáculo *Hipólito*, tendo como moderadora a crítica de teatro Ana Vasconcelos.

Nascido em Angola, Rogério de Carvalho veio para Portugal aos 18 anos, onde se formou em Economia, e só mais tarde, por “uma santa casualidade”, chegou ao teatro. Esta aproximação deveu-se às circunstâncias da vida: só e numa terra que lhe era estranha, um

novo grupo de amigos ligados ao teatro despertou-lhe os sentidos e criou-lhe o gosto por esta arte. Frequentou então o Conservatório e deu início a um incansável percurso, tendo as suas encenações recebido vários prémios.

Optando aqui por uma encenação contemporânea, Rogério de Carvalho explicou-nos o seu ponto de vista relativamente à modernidade da temática desta tragédia, escrita em 428 a.C., tendo sublinhado a questão do poder e da forma como aquele pode determinar



Hipólito será reposto na Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite em 2022

© Luana Santos

o destino de quem o afronta. O encenador sublinhou a participação activa de todos os intervenientes ao longo da construção do espectáculo, um processo partilhado, desde a adaptação do texto, a partir de várias traduções, até ao resultado final.

A última intervenção do públi-

co que participou nesta conversa realçou a consonância das diversas linguagens em palco – cenografia, figurinos, luz, música, interpretação –, bem como algumas opções que evidenciaram o trabalho dos actores, numa feliz conjugação e equilíbrio entre os vários elementos deste espectáculo.

50 ANOS DE PLATEIA

Também as crianças



© Luana Santos

Raul Pinto, 9 anos de plateia

O meu percurso tem sido de aproximação sucessiva à Companhia de Teatro de Almada. Ouvi falar durante anos do Festival de Almada. Foi em 2012, com a Milene, que percebi o que era e entrei no edifício azul que marca a paisagem da cidade. Percebi que a oferta tinha um nível altíssimo, que as exposições cénicas deslumbravam e principalmente que havia público. Muito público. Em Almada a massa crítica está assegurada e para isso também contribui a CTA. Desde que viemos viver para Almada, há três anos, a relação ficou mais próxima. São 10 minutos que separam a rotina diária do entrar em mundos diversos

construídos por todos aqueles que dão alma e corpo ao Teatro. Tenho muitas peças na memória, mas não vou destacar nenhuma. Seria injusto.

Destaco a amabilidade de quem recebe e de todos os que fazem a CTA acontecer todos os dias. Agora com mais duas pessoas a crescer, saliento a oferta de teatro para a infância que já fez a M^a Inês refletir sobre o medo do desconhecido fantasma das melancias, ver Bach a comer pastéis de nata ou dizer com alegria “Vamos ao colóquio!” quando tinha 2 anos. É um privilégio viver numa cidade com esta dinâmica cultural. Longa vida à Companhia de Teatro de Almada!

AGENDA DE AMANHÃ

18:00

**Conversa com Cleo Tavares,
Isabel Zuaa e Nádia Yracema**
Esplanada do TMJB

20:00

Who killed my father
Teatro Nacional D. Maria II

19:00

Cenas da vida conjugal
Fórum Romeu Correia

20:30

Duas personagens
Teatro-Estúdio António Assunção

Encontros no Seminário

Devido à instabilidade meteorológica, os três próximos Encontros da Cerca, dedicados a comemoração dos 50 anos da Companhia de Teatro de Almada, vão passar a acontecer nos claustros do Seminário de São Paulo (ao lado da Rua Conde de Ferreira, onde está situado o Teatro-Estúdio António Assunção). Aos Sábados à tarde, sempre entre as 15h00 e as 17h00, os moderadores José Mário Silva (10 de Julho, com Fernando

Louro e Luís Vicente), Teresa Albuquerque (17 de Julho, com Sérgio Taipas e Vítor Gonçalves) e Carlos Vargas (24 de Julho, com Domingos Rasteiro e Américo Lopes) conversarão com alguns dos que, em diferentes épocas, cruzaram as suas vidas, num dado momento, com a Companhia de Teatro de Almada. A entrada para o Encontro far-se-á pela Rua Dom Álvaro Abranches da Câmara, 1. Será possível parquear no interior.

Colóquio *Aurora negra*

Amanhã, às 18h, na Esplanada do Festival continuam os Colóquios na Esplanada. Desta vez vão estar as três actrizes que dão corpo e forma a *Aurora negra*: Cleo Tavares, Isabel Zuaa e Nádia Yracema. A moderação é de Statt Miller. Boa oportunidade para discutir a temática que a peça levanta. Citando Cristina Roldão: “Há um porvir que amanece, um Portugal negro que toma a boca de cena”.

RESTAURANTE
DO TEATRO

HOJE

Ervilhas com ovos escalfados
Bacalhau com broa e alheira

AMANHÃ

Roti de porco
Caril de salmão

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz · Almada